

MARCIA ALVES SOARES DA SILVA

*Professora Adjunta do De-
partamento e do Programa
de Pós-Graduação em
Geografia da UFMT*

marciaalvesgeo@gmail.com

CLODOALDO ARRUDA

*Professor no Espaço Roda,
Arte e Expressão
Integrante do Grupo COM-
ADANÇA*

arrudacl@gmail.com

Artigo recebido em:

17/05/2021

Artigo aprovado em:

28/06/2021

MOVIMENTO COMO CONVITE PARA FAZER GEOGRAFIAS: CORPO, ESPAÇO E EMOÇÕES

*EL MOVIMIENTO COMO INVITACIÓN PARA EL HACER
GEOGRÁFICO: CUERPO, ESPACIO Y EMOCIONES*

*MOVEMENT AS AN INVITATION TO DO GEOGRAPHIES:
BODY, SPACE, AND EMOTIONS*

*LE MOUVEMENT COMME INVITATION À FAIRE DES
GÉOGRAPHIES: CORPS, ESPACE ET ÉMOTIONS*

RESUMO

Nossa provocação quer dialogar corpo e movimento, Geografia e Dança para pensar espacialidades possíveis. Problematicamos o entrelaçamento dessas questões motivadas pela experiência emocional e pensando o contexto do isolamento social. A partir de um diálogo interdisciplinar e apresentando nossas experiências emocionais particulares com o espaço de nossas casas, convidamos à leitura sensível sobre o atual momento, dialogando com as teorias não-representacionais e as geografias emocionais. Entendemos o movimento do corpo como um convite para o fazer geográfico, ampliando geografias e a potência das espacialidades.

PALAVRAS-CHAVE: geografias emocionais; teorias não-representacionais; casa; dança.

RESUMEN

Nuestra provocación quiere dialogar cuerpo y movimiento, Geografía y Danza para pensar en posibles espacialidades. Problematicamos el entrelazamiento de estos temas motivados por la experiencia emocional y el pensamiento en el contexto del aislamiento social. Desde un diálogo interdisciplinario y presentando nuestras particulares vivencias emocionales con el espacio de nuestros hogares, invitamos a una lectura sensible sobre el momento actual, dialogando con las teorías no-representacionales y geografías emocionales. Entendemos el movimiento del cuerpo como una invitación a hacerlo geográficamente, expandiendo geografías y el poder de las espacialidades.

PALABRAS-CLAVE: geografías emocionales; teorías no-representacionales; casa; danza.

ABSTRACT

Our provocation wants to dialogue body and movement, Geography and Dance to think about possible spatialities. We problematize the intertwining of these issues motivated by emotional experience and thinking about the context of social

isolation. From an interdisciplinary dialogue and presenting our particular emotional experiences with the space of our homes, we invite you to read sensibly about the current moment, dialoguing with non-representational theories and emotional geographies. We understand the movement of the body as an invitation to do it geographically, expanding geographies, and the power of spatialities.

KEYWORDS: emotional geographies; non-representational theories; home; dance.

RÉSUMÉ

Notre provocation veut dialoguer corps et mouvement, Géographie et Danse pour réfléchir à d'éventuelles spatialités. Nous problématisons l'entrelacement de ces questions motivé par l'expérience émotionnelle et la réflexion sur le contexte de l'isolement social. À partir d'un dialogue interdisciplinaire et de la présentation de nos expériences émotionnelles particulières avec l'espace de nos maisons, nous vous invitons à lire raisonnablement sur le moment actuel, en dialoguant avec des théories non-représentationnelles et des géographies émotionnelles. Nous comprenons le mouvement du corps comme une invitation à le faire géographiquement, en élargissant les géographies et la puissance des spatialités.

MOTS CLÉS: géographies émotionnelles; théories non-représentationnelles; maison; danse.

INTRODUÇÃO

Como eu existo a partir do meu corpo? Como cabemos no nosso corpo? Que ajustes nosso corpo precisa fazer para viver o cotidiano? Como o corpo é/está presente em nossas espacialidades?

Essas são algumas provocações que temos feito em nossos corpos para pensar o contexto do isolamento social. O corpo é parte fundamental da nossa condição expressiva. A partir da ação e do movimento, o corpo expressa para fora o que está sentindo dentro. O corpo também é desafiado, ao buscar dimensões em que pode caber. Por isso, está em constante (des)equilíbrio, sendo tensionado, tanto em sua condição motora, quando

sua condição motora, quando os músculos modificam cada ação no/do cotidiano, quanto na intencionalidade das ações que precisamos desenrolar em nossas vidas.

O corpo, nesse sentido, nos educa. As tensões que sente são parte fundamental de sua renovação. Assim, o corpo nos convida cotidianamente a repensarmos nossos movimentos, instigando uma sensibilidade que nos é inerente, mas infelizmente pouco observada, dada a automatização de nossas práticas. O corpo é um caminho para uma (re)educação do ser e estar no mundo e nas geografias que tecemos e, pensando além da questão espacial, a questão temporal de-

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

JANEIRO - JUNHO, 2021
ISSN 2175-3709

semprenha relevante papel para percebermos o que tem afetado nossos corpos.

Com essas inquietações e provocações, e levando em consideração o contexto de isolamento social, trazemos aqui alguns insights que conectam o corpo com as emoções e os espaços. A partir de um diálogo interdisciplinar que une Geografia e Dança, queremos refletir sobre a escala reduzida, íntima, próxima, que afeta o corpo na relação com as nossas casas, pequenas, miúdas, com obstáculos. Queremos pensar sobre a dança que conduzimos com essa casa que, por vezes, nos era esquecida, pouco acessada e momentânea.

Entendemos que foi preciso (re)aprender a dançar com a nossa casa, com movimentos que até então eram mais expressivos na vida e no espaço público. Na casa tivemos que comer, beber, trabalhar, ensinar, lavar roupa, cozinhar, ter o lazer, ouvir música, ver os amigos, brigar por espaços. Por vezes, pensamos a casa como única e exclusivamente para nossas necessidades orgânicas e todo o resto é feito na vida pública. Fomos obrigados, do dia para a noite, a construir uma relação que até então não nos haviam ensinado. Ninguém pensa em morar numa casa 24 horas por dia.

A partir dessas provocações que temos sentido diretamente em nossos corpos, tanto em sua condição física, quanto mental, refletimos sobre a extensão expressiva que o corpo pode construir, aumentando sua potência de construir geografias possí-

veis em função do movimento que é convidado a realizar cotidianamente no espaço da casa.

Essas geografias possíveis têm sido discutidas pelas teorias não-representacionais e pelas geografias emocionais, debate que apresentaremos inicialmente. Articulando a Geografia e a Dança, discutimos, em seguida, o papel do movimento na construção de espacialidades, relacionando isso com a experiência emocional e como parte fundamental do espaço de ação do corpo. Por fim, geografizando os lugares da pandemia, trazemos nossos relatos pessoais sobre nossos corpos e a relação com nossas casas, refletindo sobre como temos sentido fisicamente e simbolicamente a experiência do isolamento social. Nossas inquietações fazem o convite para pensar sobre como estamos confinados em nós mesmos e como temos percebido as miudezas da casa, nas danças cotidianas no/do atual contexto.

TEORIAS NÃO-REPRESENTACIONAIS E GEOGRAFIAS EMOCIONAIS: GEOGRAFIAS POSSÍVEIS

As reflexões teóricas e conceituais são contextualizadas, tanto temporalmente, quanto espacialmente. O conhecimento também é situado, quer nesses termos, quer nos corpos e nas experiências em movimento. Nesse sentido, é necessário e fundamental um constante repensar de nossas bases de conhecimento, pautando os

acontecimentos e questões que nos são contemporâneas.

No caso da presente reflexão, os insights e devaneios surgem no contexto de isolamento social em função da pandemia da Covid-19, iniciado em março de 2020 no Brasil e que, do ponto de vista geográfico, pode ser analisado, dentre as diferentes perspectivas, a partir da mudança das nossas práticas espaciais e a necessidade de (re)pensar nossa (i)mobilidade, pautando o papel do corpo nessa dinâmica.

Pensando nessa problemática, tem sido debatido, em especial, no âmbito da Geografia Humana, diferentes caminhos que pautem a questão do corpo, do espaço e de suas múltiplas relações, a partir de reflexões que avancem nas questões de cunho cultural, social e humanista na Geografia. Tais campos são basilares para essas novas perspectivas, que incluem as geografias emocionais e as geografias não-representacionais.

De acordo com Paiva (2017), as teorias não-representacionais (*non-representational theories*, NRT em inglês) trabalham com um entendimento ampliado das pessoas e da sua capacidade de ação, tendo como foco a experiência e prática da vida cotidiana, buscando analisar mais do que aquilo que é conscientemente percebido pelas pessoas. Por esse viés, tal proposta pode ser um caminho fértil para analisar o cotidiano pandêmico, a escala reduzida de ação no espaço

geográfico e a necessidade de modificar nossos movimentos, pensando a dialética entre vida pública e vida privada, agora, vivenciadas por muitas pessoas, num único lugar: a casa.

Thrift (2008) apresenta as teorias não-representacionais como uma abordagem política da/para a vida cotidiana. Abrangendo uma variedade de espaços em que a política e o político desdobram, essa perspectiva questiona o que se entende por percepção, representação e prática, com o objetivo de valorizar as práticas fugitivas que existem à margem do conhecido. O autor pensa “the geography of what happens” (THRIFT, 2008, p. 2, tradução nossa), isto é, o que está presente na experiência, buscando produzir suplemento ao ordinário, um sacramento para o dia a dia, um hino ao supérfluo.

Tal perspectiva tem seu pontapé inicial no Reino Unido, avançando significativamente pela geografia anglófona e emergindo principalmente de um construtivismo social da Geografia Humana a partir das décadas de 1980 e 1990, também com influência das geografias estruturalistas e da linhagem hermenêutica das geografias humanistas da década de 1970.

A proposta da NRT rompe com o construtivismo social ao criticar a separação que este faz entre o mundo e os significados que lhe são atribuídos, tecendo críticas à dualidade cartesiana entre corpo e mente (PAIVA, 2017). Para o autor, o interesse na subjetividade e

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

na percepção dos fenômenos pelas pessoas é questão central nas teorias não-representacionais, com interesse em compreender como as pessoas emergem e relacionam-se com o mundo, portanto, pensando a experiência performativa.

Sobre isso, Thrift (2008) aponta sobre a relevância dos encontros. O autor afirma que os contornos e conteúdos do que acontecem constantemente mudam e “[...] there is no stable ‘human’ experience because the human sensorium is constantly being re-invented as the body continually adds parts in to itself; therefore how and what is experienced as experience is itself variable” (THRIFT, 2008, p. 2).

Neste sentido, a produção de conhecimento passa a preocupar-se não apenas com as representações mentais da realidade (e.g. significados, sentimentos, discursos, estruturas), mas também com o modo como essas representações são produzidas e praticadas corporeamente no decorrer das ações e interações de que o mundo é constituído (incluindo práticas, hábitos, afetos). A performance torna-se assim numa palavra-chave (PAIVA, 2017, p. 161).

Uma pedagogia reclama se-Assim, é preciso repensar as ideias sobre sujeito, corpo, estrutura ou espaço, levando em consideração o aspecto relacional com/no mundo, isto é, o pensamento em ação. Nesse viés, tal proposta “procura observar principalmente o que se move, o que acontece, ou o que muda, afastando-se de leituras que abordam a distribuição de elementos humanos e não-hu-

manos no espaço e o território como estruturas estáveis” (PAIVA, 2017, p. 165).

Essa proposta nos fornece elementos relevantes para entender o convite do/para o movimento numa escala reduzida, pensando o contexto pandêmico e a casa como espaço de ação performativa. De que forma nosso corpo precisou (re) inventar formas de performar a vida pública na esfera da vida privada da casa? Como lidar emocionalmente com tais questões? A partir da limitação de atuação do corpo, como a relação com a casa foi modificada? E pensando no espaço de ação da vida cotidiana, que emoções estão agora mais presentes? Será o medo e a angústia? Tais questões são inquietantes e pertinentes para entender as dinâmicas espaciais na/da escala do corpo e das emoções que são reverberadas, pensando as emoções como potência de ação e fontes possíveis de construção de conhecimentos geográficos.

Pensando que a vida é constituída de movimentos, em relação à experiência emocional, podemos articular que os fluxos afetivos são como movimentos espaço-tempo, que afetam os corpos na relação com o mundo (PAIVA, 2017). No caso do contexto pandêmico, à Geografia compete entender o momento complexo e traumático à luz de questões emocionais, perceptivas e de sentidos mobilizados num ambiente de tensão sobre os corpos, como a casa, por exemplo. Que fluxos afetivos são mobilizados na casa que agora é palco da vida “real” e vida “virtual”? As dinâmicas

espaço-tempo são compactadas na vida privada e nos incitam a entender o que estamos sentindo e experienciando em nossos corpos, que agora tem seus movimentos dançando com a casa-escritório, casa-escola, casa-hospital, casa-lazer, casa-cidade...

Thrift (2008) aborda o chamado “leitmotiv do movimento”. Argumenta que a vida humana se baseia no e em movimento. Para o autor, pode-se dizer que a evolução dos movimentos e a capacidade humana para acompanhar esses complexos movimentos são um aprimorado da experiência humana. Assim, nós precisamos construir movimentos no corpo-espaço a partir das nossas necessidades imediatas. Nesse sentido, tal contexto tem nos provocado a perceber os movimentos banais que nos acompanham e, por vezes, são realizados de forma automática.

O autor elenca alguns argumentos em defesa das teorias não-representacionais: que tal proposta tenta capturar o “fluxo” da vida cotidiana; concentra-se em práticas, entendidas como corpos materiais de trabalho ou estilos que ganharam estabilidade suficiente ao longo do tempo, através, por exemplo, do estabelecimento de rotinas corporais; também leva em consideração a energia do “sense-catching” da forma das coisas; é de caráter experimental, com interesse em trazer a energia das artes performáticas para as ciências sociais; por fim, o autor reconhece a relevância dos regis-

tros do pensamento enfatizando afeto e sensação. “These are concept-percepts that are fully as important as signs and significations but that only recently have begun to receive their due” (THRIFT, 2008, p. 12-13).

Nayak e Jeffrey (2011) apontam que o horizonte das geografias não-representacionais é questionar uma certa “linearidade” das políticas mais tradicionais de representação, por isso colocam a ênfase na vivacidade das representações e a forma performativa em que agem como manifestações e ações, inclusive pensando o caráter lúdico dessa proposta. “In grasping the playful potential of NRT, researchers may seek to bring feelings and embodied actions into their accounts as well as the sights, sounds, smells, touch and tastes that make up much of our experiences.”. (NAYAK; JEFFREY, 2011, p. 505).

Com esse argumento, pensamos nas potencialidades que os estudos no âmbito da NRT podem oferecer às reflexões analíticas da Geografia com relação ao contexto que estamos vivendo. Incluir a experiência corporal e seus múltiplos sentidos sensoriais nas performances do cotidiano podem nos revelar um mundo desconhecido de práticas espaciais que são altamente relevantes para as pessoas em seus movimentos corporais. Essa concepção, em articulação com a recente discussão no campo das Geografias Emocionais, pode pensar uma Geografia em ato, cujo papel

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

do corpo é construir conhecimentos geográficos encarnados.

A proposta da NRT, de acordo com Nayak e Jeffrey (2011), é tanto teórica quanto metodológica, valorizando a natureza do mundo como ativo, sensual e corporificado, sendo esse mundo, construção, processo e performático. Valoriza o imprevisível e o desconhecido, as dimensões transitórias, efêmeras e afetivas de interações diárias. Assim, valoriza-se significativamente o conhecimento corporal do ambiente na construção de várias geografias possíveis. Quando ilumina-se o afetivo, o inconsciente, o espiritual, o biofísico, o químico, o tátil, o sonoro e o sensual dos aspectos de nossa vida cotidiana, construímos um terreno fértil para pensar as geografias afetivas e emocionais, pensando como o mundo é organizado de formas diferentes.

[...] Moreover, affects are not simply brought into being by a single individual but are assembled in relationships between bodies, objects, sounds, movements and encounters. Rather than residing in a subject or body, affects are composed through worldly interactions. In short, affect concerns the 'motion of emotion' (Thien, 2005)[...]” (NAYAK; JEFFREY, 2011, p. 507).

Conforme Parr (2014), na literatura sobre as teorias não-representacionais, é preciso debates sobre como as palavras da linguagem humana não fazem um trabalho adequado

de representar muitos estados mentais e emocionais interiores. A autora também aponta sobre como as atmosferas emocionais movem as pessoas e os eventos e tais ideias têm promovido geógrafas e geógrafos a tentarem encontrar emoções não através de uma auto-reflexão exaustiva ou a partir de dados de entrevistas, mas sim através da leitura de sorrisos, movimentos, gestos, estados de espírito, sentimentos, tipos de fala e “atmosferas” para testemunhar diferentes formas de prática emocional e suas ordenações ou “devires”. Nessa compreensão, há uma ligação explícita entre o funcionamento interno da mente humana (a psique) e a paisagem social e como ela é organizada espacialmente.

As Geografias Não-Representacionais concentram-se no que as pessoas fazem, em oposição ao que dizem que fazem, de acordo com Parr (2014). Assim, a atenção é direcionada para práticas, humores e atmosferas, ao invés de representações. Em diálogo com as Geografias Emocionais, tais perspectivas podem nos revelar as geografias miúdas, praticada por todas e todos nós. Pensando o papel do agir emocional na construção de espacialidades significativas, levamos em consideração a noção de movimento como convite para construir espaços geográficos múltiplos, colocando o corpo como foco para entender as sensações que têm sentido, porque um corpo que antes

era público nos movimentos cidadãos, agora é publicizado dentro da esfera íntima.

Como o corpo tem sentido sua privacidade sendo colocada à prova todos os dias, num movimento de disputa dentro de casa por espaço, infraestrutura, rede de internet, sons? Como o corpo tem sentido a necessidade de se manter em “linha”, sem direito a errar, a fazer qualquer barulho “estranho”, a manter a pose em frente às câmeras? E expondo ainda mais nossas desigualdades socioespaciais, como o corpo tem sentido ainda mais o descaso, o desprezo, a desigualdade, tendo que disputar espaço num contexto sem infraestrutura material e imaterial?

As teorias até aqui apresentadas certamente são um convite urgente para a Geografia (re)pensar a maneira como tem discutido a produção do espaço, colocando o foco nas miudezas cotidianas, construídas pelo agir emocional. Entender nosso espaço de ação pelo viés emocional inclui compreender a multiplicidade de experiências espaciais e as geografias praticadas por todas e todos nós.

ESPAÇO DE AÇÃO E MOVIMENTO: DIÁLOGOS PERFORMATIVOS

Ao colocar em debate a ideia do espaço de ação, a ênfase se dá na estruturação de um espaço que é feito pelas pessoas, com base na signifi-

cação de suas experiências. O agir é um convite para o encontro, com o mundo e com o outro. O eu e o outro constituem o(s) nós. O corpo que se movimenta, impulsionado pela ação emocional, produz geografias, portanto, é um corpo de experiência geográfica.

O pilar fundamental da construção do conhecimento geográfico é o corpo que precisa se movimentar no espaço, viver o espaço, sentir o espaço. Só assim ele se torna “geográfico”. Assim, nossos conceitos espaciais não são simples teorias, surgem a partir da vivência emocional que impulsiona para construir uma forma possível de conhecimento.

Os movimentos espaciais do corpo nos contam suas histórias, porque o que eu sinto me faz construir conhecimentos sobre mim e sobre o mundo. A consciência corporal exige a auto-percepção. Nesse sentido, o espaço de ação, constituído pelos múltiplos movimentos do corpo, revela que estamos em constante (inter)relação, sendo o movimento, ao mesmo tempo, performance e comunicação.

O espaço de ação envolve expressividade, significado e percepção, ao conectar o corpo e as emoções. A ideia de (*com*) *movere*, revela que a (etimologia) grafia da palavra envolve o movimentar e o *emovere* que é a origem latina da palavra emoção. O movimento chama para o pulsar de forças que agem e criam espacialidades. Em nossa análise, essas espa-

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

cialidades são significativas, porque são envolvidas pelo que sentimos e constituem nossas atmosferas emocionais.

Nesse viés, pensar um espaço de ação que envolve o corpo, o movimento, as emoções e o espaço, é pensar a atmosfera de significado que entrelaça esses processos, dotando de singularidade a experiência emocional a partir do movimento do corpo, do sentir, do estar em relação.

Por tener corporeidad es que el sujeto se apropia del espacio y el tiempo que le acontece, lo transforma, le otorga valores y significados particulares, y así lo carga de memoria de lo vivido. Desde el cuerpo se genera la corporeidad que se manifiesta a través de la motricidad (movimiento con intención) y que sólo es posible frente a la insoslayable espacialidad. Y en esa relación omnipresente de los cuerpos con sus espacios de vida, siempre se activan emociones. [...] (LINDÓN, 2012, p. 715).

Com essa reflexão, partimos do pressuposto que a corporeidade abordada por Lindón (2012) é possível nos espaços de ação, cujas espacialidades são construídas a partir do movimento do/no corpo, que age a partir das múltiplas experiências emocionais vivenciadas. Colocando o foco no sujeito enquanto conformador do seu espaço de ação, isto é, o seu espaço vivenciado e suas espacialidades, podemos refletir sobre a relevância da categoria emocional como parte da dimensão subjetiva dessas categorias espaciais, ao mesmo tempo que objetiva, torna

concreto, o mundo da vida.

Assim, com base nessa reflexão, as emoções são esse conteúdo de significado que impregnamos no espaço vivenciado, o próprio espaço de ação simbólica. As emoções, em nossa análise, estão na esfera do sentido e do significado. O espaço vivenciado é o espaço de ação das emoções, sendo parte da expressividade do mundo e onde as pessoas realizam trocas, relações, que se direcionam, criam distâncias, que de algum modo fixam suas existências.

Do ponto de vista geográfico, Seamon (2013) nos apresenta a ideia de movimentos e trajetórias a partir do que chama de “danças-do-lugar”. Para o autor, as danças-do-lugar revelam a magnífica dinâmica dos mundos vividos, podendo ser um caminho para regenerar e proteger lugares.

O autor valoriza o movimento cotidiano no espaço, que para ele seria qualquer deslocamento espacial do corpo ou corporalmente em parte iniciado pela própria pessoa. “Caminhar até a caixa de correio, dirigir para a casa, ir de casa para a garagem, alcançar uma tesoura em uma gaveta – todos estes comportamentos são exemplos de movimento” (SEAMON, 2013, p.5).

Refletindo a partir dessa perspectiva, é necessário colocar em pauta o caráter experiencial da ideia de movimento, isto é, o movimento do corpo no espaço é o motor propulsor da construção de espacialidades. É importante destacar que esses movimentos

impulsionados por propósitos, objetivos, na vida cotidiana, são ligados às dinâmicas do ser e estar no mundo. Por esse viés, o movimento cotidiano é a experiência espacial, que conecta corpo-sujeito, padrões corporais e fins e necessidades. A dança-do-lugar, por conseguinte, seria uma fusão de muitas rotinas espaço-temporais, conforme já mencionado por Thrift (2008).

Tomados em conjunto, esses relatos indicam que sublinhar e guiar muitos movimentos cotidianos é uma força corporal intencional que se manifesta automaticamente e também sensivelmente: um braço alcança a corda ou os envelopes, mãos giram o volante ou colocam cartas nas suas próprias caixas de correio, pés direcionam a pessoa automaticamente para o seu destino (SEAMON, 2013, p. 9).

Com essa leitura, Seamon (2013) pensa também sobre as danças-do-corpo na vida cotidiana. A partir dessa perspectiva, como pensar as danças-do-corpo e as danças-do-lugar num contexto de isolamento social e na limitação de deslocamento, cujo papel da casa torna-se elemento fundamental?

No interesse de traçarmos um diálogo aberto às outras áreas do conhecimento, recorreremos à dança para entender a relação do movimento, do corpo e do espaço. É a aproximação das ciências humanas com as artes performativas, conforme já sugeriu Thrift (2008). Dialogamos com Laban (1978), cujo interesse foi se debruçar sobre o estudo do

movimento para construir sua leitura que envolve corpo e espaço na dança.

Para Laban (1978, p. 19) “[...] “É fácil perceber o objetivo do movimento de uma pessoa, se é dirigido para algum objeto tangível. Entretanto, há também valores intangíveis que inspiram movimentos”. Nesse sentido, seus estudos provocam a pensar que o movimento do corpo envolve valores, condições mentais, ritmos, formas que revelam a atitude das pessoas em determinadas situações, podendo revelar um estado de espírito e uma reação, portanto, podendo ser influenciado também pelo ambiente em que se move.

Sobre isso, um diálogo geográfico com a dança pode ser um caminho frutífero para pensar as danças-do-lugar no contexto da casa e da pandemia. Na análise de Laban (1978), o movimento é resultado de uma atitude-interior (consciente ou inconsciente), estruturados numa rede que envolve peso, espaço, tempo e fluência. Sua análise coloca nossa capacidade de (re)conhecer os movimentos, em função de nossa memória e nossos hábitos, e poderia ser pensado da mesma forma em como organizamos as palavras no pensamento, em que aperfeiçoamos e nos orientamos no mundo interior e exterior, contribuindo no fazer, no representar e, no caso do movimento, no dançar.

Os fatores peso, espaço, tempo e fluência nos dão o poder de escolher entre diferentes atitudes que serão ex-

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

pressas no movimento, sendo, por vezes, uma escolha nem sempre consciente ou voluntariamente exercida, podendo ser aplicada de forma automática. No entanto, é possível observar conscientemente os movimentos expressos em determinadas situações, podendo também entender a função interior que dá origem a tal movimento. Em nossa análise, tal função interior está diretamente associada com a experiência emocional. Para Laban (1973), é preciso entender o “esforço” como o ponto de origem e o aspecto interior do movimento.

O esforço e a ação dele resultante podem ambos ser inconscientes e involuntários, mas estão sempre presentes em qualquer movimento corporal; se fosse de outro modo, não poderiam ser percebidos pelos outros nem se tornar eficazes no meio ambiente da pessoa em movimento. O esforço é visível nos movimentos de um trabalhador, de um bailarino e é audível no canto e discursos. Se se ouve uma gargalhada ou um grito de desespero, pode-se visualizar, na imaginação, o movimento que acompanha o esforço audível. O fato de o esforço e suas várias modalidades não apenas poderem ser vistos e ouvidos, mas também imaginados, é de muita importância para sua representação tanto visível como audível, pelo ator-dançarino. Este se inspira nas descrições de movimentos que despertam sua imaginação (LABAN, 1973, p. 50-51).

A fluência do movimento se dá pelo acionamento das diferentes partes do corpo que se movimentam numa determinada condição, sendo o nosso interesse, a condição espacial.

Pensando o corpo do bailarino, mas que aqui podemos ampliar para uma leitura geográfica que envolve o corpo no cotidiano, Laban (1973) aponta que esse corpo segue direções que configuram formas e desenhos no espaço, portanto, é preciso perceber o estado de espírito e a atitude interna produzida pela ação corporal, que cria também padrões espaciais e rítmicos. Essa interpretação tem sido um convite para pensarmos nosso estado de espírito emocional, conectando nosso corpo com o espaço da casa.

A extraordinária estrutura do corpo, bem como as surpreendentes ações que é capaz de executar, são alguns dos maiores milagres da existência. Cada fase do movimento, cada mínima transferência de peso, cada simples gesto de qualquer parte do corpo revela um aspecto de nossa vida interior. Cada um dos movimentos se origina de uma excitação interna dos nervos, provocada tanto por uma impressão sensorial imediata quanto por uma complexa cadeia de impressões sensoriais previamente experimentadas e arquivadas na memória. Essa excitação tem por resultado o esforço interno, voluntário ou involuntário, ou impulso para o movimento (LABAN, 1978, p. 48-49)

Para Laban (1978, p. 55) “As ações corporais produzem alterações na posição do corpo ou em partes dele, no espaço que o rodeia”. Observar essas ações podem nos revelar questões como: Qual é a parte do corpo que se move? Em que direção ou direções do espaço o movimento se realiza? Qual a velocidade em que se pro-

cessa o movimento? Que grau de energia muscular é gasto no movimento? De acordo com o teórico, a mudança de extensão no espaço pede uma sensibilidade de nossas ações corporais, isto é, exige atenção no movimento e no impulso da ação.

Nessa rede que envolve o movimento-espaco, tal conexão possibilita orientar a si próprio e o de descobrir como se relacionar com o objeto de interesse, possibilitando a construção de um ritmo-espaco que se origina dessas direções relacionadas entre si, resultando em formas e configurações espaciais. Para o autor, mobilizamos nosso corpo, mapeamos o espaco que circunda esse corpo, construindo um mapa imaginário que (re) conhece diferentes espacialidades cotidianas.

Trilhando pela perspectiva de Laban, Miranda (2008) pensa a ideia de corpo-espaco e os aspectos de uma geofilosofia do movimento. A coreógrafa entende que o espaco não é um vazio, mas um aspecto escondido do movimento, trazendo sua leitura topológica, que não distancia corpo de espaco, que está em constante mutação. Assim, pensamos que sua análise já parte do pressuposto filosófico do movimento para entendê-lo enquanto atitude espacial, que mobiliza o corpo para o ver e ser visto no espaco geográfico.

Vallejo (2001) aponta sobre a unidade bio-psico-social do corpo, ao mesmo tempo influenciado e condicionado, onde desde a esfera orgânica,

natural, até a esfera social, é fundamental na produção de sensações, como meio para expressar nossas emoções e sentimento e nos comunicarmos com os demais. Para o autor, o movimento é elemento fundamental na expressão e comunicação do corpo, porque tanto a mente como o corpo se organizam em relação com o movimento.

Ordenar e estruturar um movimento no espaco e no tempo é assentar também o conhecimento, onde conhecemos o próprio corpo, aprendemos seu controle, seu domínio, suas possibilidades de ação e transformação do entorno. Na cotidianidade, pode haver uma pobreza e redução do movimento, sendo que “el cuerpo y la mente se deforma y degradan más por la inactividad y el mal uso, que por el paso del tiempo. Cuerpo y mente necesitan un estímulo y cuidado diario para no perder sus capacidades” (VALLEJO, 2001, p. 18).

O autor entende que o movimento é ação e sensação, sendo força impulsora do universo e da vida e manifestação da energia. Por isso a necessidade de estímulos, que convidam para a exploração, a busca, o deslocamento, o encontro, aumentando as possibilidades de envolvimento e acesso a novos espacos, diferentes estímulos e relações. O movimento convida para o conhecimento do próprio corpo, que pode ampliar o domínio, a destreza e as capacidade corporais no entorno, portanto o movimento estimula não só

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

as funções físicas do organismo, mas também as capacidades mentais. “Moverse es sentir, experimentar, aprender, conocer. La experiencia nos proporciona el conocimiento personal e íntimo de las cosas y de los acontecimientos, de onde nace la relación consecuente entre sensación, acción y pensamiento [...] (VALLEJO, 2001, p. 38).”

Ao estruturar os movimentos no espaço real e no tempo, também estruturamos o espaço-tempo da mente, portanto, é um movimento também de aprendizagem, de representação mental sobre o ver, imaginar, estruturar o corpo e a relação com os objetos que nos rodeiam (VALLEJO, 2001). Nesse sentido, como as emoções estão presentes na construção desse movimento no espaço-tempo e no processo de aprendizagem de si e da relação com o mundo? Pode ser que o tempo que temos ficado em casa tenha provocado um conhecimento-de-si em relação ao mundo e o conhecimento do mundo a partir das necessidades emergentes.

Para Vallejo (2001, p. 39) “Los movimientos y las reacciones producen emociones, sentimientos, imágenes o fantasías con carácter agradable o desagradable. Toda acción produce un placer y displacer”. Nesse caminho, para o autor, o movimento desencadeia um manancial de sensações a respeito de nossa realidade interior e exterior, portanto, exerce uma função social, relacional e comunicacional, porque não é possível falar, comunicar-se

ou expressar-se sem fazer nenhum movimento.

El movimiento constituye la expresión primordial de las emociones. Cuando nos enfadamos, nuestros movimientos son bruscos, violentos, podemos golpear, tirar las cosas. Cuando acariciamos, nuestros movimientos son suaves, lentos, delicados. Emocionarse o conmoverse significa movimiento hacia afuera o hacia adentro. Los músculos y los movimientos son capaces de expresar todos los matices de las emociones. Son estos quienes confieren a la musculatura un alma (VALLEJO, 2001, p. 39).

Com essas reflexões, podemos pensar que o movimento é gerador de fluxos emocionais que acontecem a partir do deslocamento dos corpos no espaço. Esses movimentos podem ser lidos também como respostas emocionais, que atuam em diferentes escalas de inter(ação). Aqui estamos pensando uma ampliação desse corpo-geográfico, aumentando a Geografia a partir da potência que as experiências emocionais podem realizar na ampliação de horizontes de análise e ação.

No caso da experiência com a/na casa, entendemos que tal relação também está em movimento, visto que nossa conexão com essa espacialidade também é cultural, portanto, pressupõe uma não-estabilidade, dada as constantes mudanças necessárias desse espaço na vida cotidiana. No contexto pandêmico, é notável que a casa é lugar de mobilidade de fluxos afetivos privados e públicos, a partir da necessidade da adaptação e do estar

presente em múltiplas escalas espaciais. O convite é entender o movimento com consciência, isto é, provocar a “ação de perceber” o que o corpo anda fazendo e sentido nesse espaço de ação limitado, que é a casa.

ESPAÇO, CORPO E EMOÇÕES NA EXPERIÊN- CIA DO ISOLAMENTO SOCIAL: PERFORMANCES PERCEBIDAS E SENTIDAS

As reflexões que tecemos até agora buscam dar atenção ao papel que o movimento pode exercer na construção de espacialidades emocionais e de conhecimentos geográficos. O movimento é o ato primário para o fazer geográfico. Outra provocação que se desenrola com isso é entender como isso tem sido experienciado no corpo em isolamento social. Sobre isso, vamos compartilhar nossas experiências emocionais, desnudando como nosso corpo tem sido afetado nesse momento e qual a necessidade de construir outros movimentos/danças com o lugar da casa.

Ferracini (2018) problematiza a relação do corpo com a ação, o movimento, o gesto e a atividade e, apesar das diferenças que o autor aponta, seu interesse versa sobre a ligação ou conexão com algo externo, portanto, estamos falando sempre de uma relação. No caso de sua leitura sobre a ação física, Ferracini (2018) entende que a ação física ao se conectar com o fora, torna-se um corpo integrado, constituindo

o que chama de corpo-subjétil, um território complexo e preciso, cujo fluxo de produção se entende por gerar e afetar o próprio território que produz, diferenciando-o e recriando-o em *continuum*.

A ação física amplia a potência do encontro, dada sua capacidade de afeto. O corpo entra em cena, já que o corpo cotidiano expressa sempre a potência de existência, mais com o seu poder de ser afetado e de compor com as forças externas para ampliar sua potência do que pelo seu poder e sua capacidade de agir. No corpo, assim como na matriz poética, o agir se produz pelo afeto (FERRACINI, 2018).

O autor afirma que somos movimentados por ações-clichê, que seria um agir espontâneo e mecânico, sem o tempo do afeto, sem o tempo de afetar-se. É nesse ponto que colocamos a provocação sobre como a experiência do isolamento social, as ações até então clichês na casa, ganharam o tempo de afetar e afetar-se.

O ativar as emoções no contexto de isolamento social também está ligada a uma certa “quebra” de uma “normalidade” cotidiana. Sobre isso, a ideia de um corpo-subjétil, na perspectiva de Ferracini (2018) é justamente buscar ir além dessa géstica cotidiana, agir na pós-possibilidade, levar o corpo para jornadas possíveis e para isso o corpo precisa de um território cujo tempo e espaço possam ser dobrados, para deixar-se afetar, já que “a experiência não mora na velocidade, mas



Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

no tempo dilatado. No afeto” (FERRACINI, 2018, p. 130).

[...] Preparar-se é parar, ouvir, deixa-se impregnar pelo espaço e pelo tempo. Deixar-se penetrar pelo outro e pelo mundo. Ser afetado por você mesmo. Experienciar é gerar vivências nas micro percepções de espaço-tempo e nas micro relações com o outro. Treinar é buscar vivências e linhas de fuga com a recomposição do encontro com suas próprias linhas de força e com as linhas de força que se compõe nos encontros [...] (FERRACINI, 2018, p. 130)

Com esse conselho de Ferracini, começamos a pensar as micro percepções da/na casa, entendendo isso como encontros afetivos, num tempo e espaço específico. Compartilhamos nossas vivências e linhas de fuga, convidando para a construção de linhas de força que unam os “nós”.

No dia 17 de março de 2020 foi a minha última saída, num período de seis meses, do apartamento de 128,15 m² onde resido na cidade de Cuiabá/MT. Sala, cozinha, quartos, banheiros ou necessidade, necessidades, necessidades, fusões que meu corpo passou a dialogar numa amplitude de interação. 128,15 m² também como extensão do meu corpo, o vivo não passa despercebido, das flores que nascem nas plantas as migalhas que caem do pão, dos perfumes das comidas na chama do fogão aos odores do suor entranhado no tecido da rede de balançar que faz ventar os sonhos. Tudo é corpo em vida. As portas e janelas coordenaram, felizes, o respiro entre o dentro e o fora.

Distanciamento social, fisi-

co, necessário. 128,15 m² e eu, ou minha casa e eu, ou a segurança e eu. O eu precisava ser salvo. Do vírus? Ou da necessidade de parar?

O silêncio foi o primeiro sentido a ser acordado neste percurso. Uma profundidade que chamou os olhos a observar o volume das árvores no terreno ao lado do prédio, em movimentos abraçados com o vento que aparentava um controle. O fora não era distante. A compreensão do corpo-casa passa a polarizar as microperecepções nas relações que compreendem esse estado de ser e estar, florescendo o criar. As divisões que os raios de sol provocavam todas as manhãs, os passarinhos começaram aparecer nas janelas, as plantas de dentro estenderam seus verdes nos verdes de fora. Passei a dançar com esses acontecimentos. Uma força distinta que coloco em conversar com Teoria da autopoiese, ou Biologia do Conhecer, é o nome dado ao conjunto das ideias de Maturana. Autopoiese é a explicação do vivo:

É uma explicação do que é o viver e, ao mesmo tempo, uma explicação da fenomenologia observada no constante vir-a-ser dos seres vivos no domínio de sua existência. Enquanto uma reflexão sobre o conhecer, sobre o conhecimento, é uma epistemologia. Enquanto uma reflexão sobre nossa experiência com os outros na linguagem, é também uma reflexão sobre as relações humanas em geral, e sobre a linguagem e a cognição em particular. (MAGRO & PAREDES *apud* MATURANA, 2001, p. 13).

Dançar com os acontecimentos, colher a vida, não era um solo do meu corpo, e sim

meu corpo com seus entornos, o sentido de percorrer os 128,15m² se vestiu de casa-corpo e os encaixes passaram a ter ritmo, sincronia, desenhos, mapas coreográficos, uma geografia em fluxo com os devidos acordos entre espaço-corpo-acontecimentos e tudo que poderia vir-a-ser.

As lembranças da última saída de casa nesse período de seis meses viraram um experimento cênico online, “17 de março de 2020 e brigadeiros” - o que temos agora são nossas casas e pequenos quadros das plataformas online, um começo... Dançar como? Dançar junto como? Descobertas e Encontros. Tudo pelo corpo que se tem, pele, casa, lugar, luz, músicas, objetos e diálogos. E coreografias nasceram como danças mínimas, acionados pelos pensamentos de lugar/quadrante online. Caber-se no mínimo e permanecer inteiro. Os intérpretes dispunham seus corpos a dialogar com o mínimo e transpor sensorialidades no fervor do acontecimento. Tal ferver só foi possível porque as fronteiras do sentido de fazer se caber foi borrado com o sentido de corpo-casa, reconhecendo as polifonias potentes neste enlace para criar uma dança para o momento.

Seis meses de processo: distanciamento, incertezas, o antes e o agora, o dentro no dentro, poesia ou realidade, busca ou sobrevivência, arte e vida em curso. Dois meses de apresentações online: continuidade, surpresas, emoções, troca, o novo sempre tem o ontem. A cada apresentação o

fluxo das relações casa-corpo-dança-caminhos abriam leituras sensíveis à continuidade pautada na relação.

As relações entre o corpo e ambiente se dão por processos co-evolutivos que produzem uma rede de pré-disposições perceptuais, motoras, de aprendizado e emocionais. Embora o corpo e o ambiente estejam envolvidos em fluxos permanentes de informação, há uma taxa de preservação que garante a unidade e a sobrevivência dos organismos e de cada ser vivo em meio à transformação constante que caracteriza os sistemas vivos. Mas o que importa ressaltar é a implicação do corpo no ambiente, que cancela a possibilidade e entendimento do mundo como um objeto aguardando um observador. Capturadas pelo nosso processo perceptivo, que as reconstrói com as perdas habituais a qualquer processo de transmissão, tais informações passam a fazer parte do corpo de uma maneira bastante singular: são transformadas em corpo. Algumas informações do mundo são solucionadas para se organizar na forma do corpo – processo sempre condicionado pelo entendimento do que o corpo não é um recipiente, mas sim aquilo que se apronta nesse processo co-evolutivo de trocas com o ambiente. E o como o fluxo não estanca, o corpo vive no estado no sempre-presente, o que impede a noção do corpo recipiente. O corpo não é um lugar onde as informações que vêm do mundo são processadas para serem depois devolvidas ao mundo (GREINER, 2005, p. 130).

O hoje é necessário continuar a ser vida. Criar e Criar é a necessidade nos tempos de distanciamento social. A arte é permanecer conversando, em movimento, significando o todo com todos. Tudo que criamos é extensão das nossas

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

concretudes e subjetividades, não se separam. Dança-Corpo-Casa-Percurso e relação são materiais vivos para além do registro e sim do permanecer juntos.

A outra experiência que queremos compartilhar é sobre a experiência de mudanças. Meu corpo tem feito vários desvios para lidar com a casa no momento de isolamento social. Esses desvios têm sido sentidos emocionalmente, mas também fisicamente, com as dores recorrentes em função da mudança das atividades cotidianas, especialmente ligadas ao trabalho remoto.

Comecei a reparar nas danças que preciso fazer com a minha casa, especialmente os desvios dos móveis, indo de um lugar para outro. Isso é uma mudança na percepção sobre o meu próprio corpo e no que ele é capaz. Desvio do sofá ali, da mesa da cozinha acolá, dos objetos na varanda. Percebo as coisas amontoadas, ao precisar construir esses desvios. Sinto raiva e ao mesmo tempo sensações claustrofóbicas por reduzir a minha

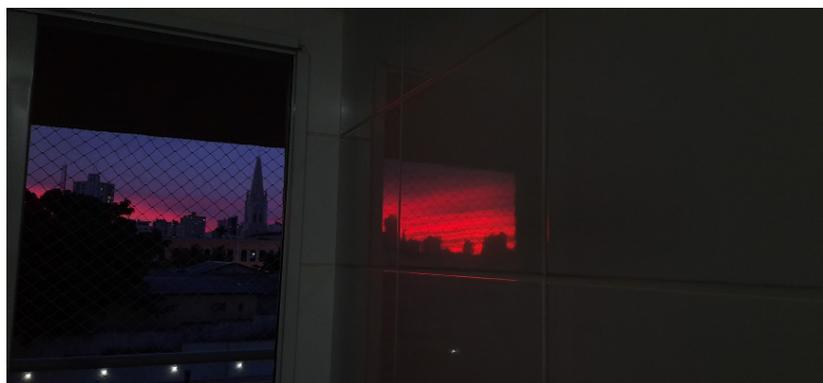
vida a cerca de 60 m². O que me conforta é a possibilidade de ver o pôr do Sol cuiabano todos dias. Ontem, com cores azuis e rosas, sendo projetadas no azulejo da lavanderia (fotobiografia 1).

Os barulhos e silêncio também se mostraram mais presentes. Reparo numa pintura mal feita na parede, nos cheiros da casa, no calor excessivo dos meses de agosto e setembro em Cuiabá/MT.

O ar fica mais difícil de respirar com as queimadas do Pantanal. Meu nariz fica machucado, a garganta seca, os olhos começam a arder. A varanda amanhece com cinzas. O céu está nublado, não é chuva, mas é fumaça. Quando não é fumaça, é o sol escaldante.

Já sei a posição que a janela precisa estar no meu “local de trabalho”, a depender do horário do dia, por causa do sol. Meu cabelo está sempre voando, em função do ventilador que fica ligado quase 24 horas por dia. Preciso pensar em qual roupa irei usar para poder dar aula. Minha preocupação é da “barriga pra cima”, já que

FOTOBIOGRAFIA 1 - MOVIMENTOS COTIDIANOS: NATUREZAS PERFORMATIVAS



minha performance docente fica restrita à tela do computador.

Termino as aulas, estou extremamente cansada. Minha ânsia é para esticar meu corpo na cama. Desligo a câmera, sinto a brisa do ventilador percorrendo meu corpo, num vai e vem. Me jogo na cama e construo outra performance. Volto a ser eu mesma na minha casa. Sinto a dificuldade e complexidade de performar muitos “eus” em diferentes momentos do dia, mas num único espaço. Sinto-me como uma atriz.

Começo a reparar nas batidas do sino da Igreja. Toca de hora em hora. E ao meio-dia e às seis da tarde, toca uma música em homenagem à santa da Igreja. Eu, que não sou religiosa, me vejo cantando a música todos os dias.

Começo a sentir dores no corpo. Meu corpo é/está em constante tensão. Começo a repensar minha estadia na minha casa. Outros desejos se mostram presentes. No meio do isolamento, o desejo de mudar de casa. Meu corpo também sente a proposta de mudança: a ansiedade, a angústia, o medo, quando pensa nos movimentos que envolvem a mudança.

A mudança acontece. E continuo provocando meu corpo a lidar com novos movimentos: embalar caixas, carregar caixas, descarregar caixas. Ainda preciso lidar com os objetos. Meu corpo reage a cada objeto visto, pegado, embalado. Lembranças, memórias, gatilhos. O que fica e o que vai? E aí construo outras

experiências emocionais, pensando no que me acompanha na mudança e o que devo deixar para trás.

O movimento de vai e vem, sobe e desce, para um lado e para o outro. De várias formas essas mudanças também incidiram sobre meu corpo e sobre a forma como eu percebo meu corpo no mundo. Os detalhes chamam a atenção. A experiência tátil me faz entender a textura, flexibilidade, temperatura, o peso, as bordas, curvas e cristas dos objetos que me afetam. Entendo que desenho coreografias cotidianas. Meu corpo dói. Muitos (re)começos.

O corpo (re)começa todos os dias com uma rotina. Agora, cada dia mais, entediante. Procura usar da imaginação para acessar outros espaços. Criar espacialidades na/da imaginação. Coloco-me como protagonista nessa ação performativa e fico imaginando outros lugares possíveis. Como continuar experienciando a vida na minha casa de 60 m²? Dado os limites dos movimentos espaciais em função do isolamento social, a maneira como tenho conseguido me movimentar foi fazendo travessias pela literatura, em lugares que já estive e que gostaria de voltar, mesmo que pela via da imaginação. São lugares que fizeram e fazem parte da minha geografia emocional particular e que retornei percorrendo as páginas dos livros.

Os dedos percorrem as páginas de Fernando Pessoa, Manoel de Barros, Gabriel García Márquez, Gracilia-

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

no Ramos, companheiros de quarentena, de devaneios e insights da imaginação, em diferentes escalas geográficas. O que conecta esses autores, suas obras e suas diferentes escalas geográficas é a ideia de travessia e atravessamento constroem espacialidades emocionais que se reverberam na vida cotidiana, ao sair das páginas dos livros e possibilitando construir um conhecimento geográfico através de uma linguagem-experiência. Meu corpo atravessa o Atlântico e chega em Portugal; por terra desconhecidas, vai até a Colômbia; guiado pelo cheiro do mato (e das queimadas), vai até ao Pantanal; pisando no solo seco do sertão, percorre as paisagens sertanejas do Brasil.

Minha travessia pela literatura pela via da imaginação é a forma como tenho conseguido construir uma conexão emocional com essas obras, a partir das minhas próprias experiências com os lugares narrados. Essa travessia é a busca de um atravessamento emocional, buscando recuperar memórias e lembranças dos lugares vivenciados e agora (re)experimentados pela caminhada na literatura.

Terminam os dias e começam outros. E com eles, a necessidade da performance.

PARA CONTINUAR A PROVOCAR

Com nossas provocações e percepções sobre o geografizar a pandemia, trazemos o

papel que o movimento dos corpos tem, tanto na sua atuação estética, quanto como parte do pensamento. O corpo, veículo fundamental para a extensão expressiva do movimento, constrói gestos que são linguagem, comunicação, portanto, ao mesmo tempo que pulsa sensações a partir da psicomotricidade, também é simbólico.

Provocamos a pensar sobre como temos usufruído da casa num contexto cuja dialética é sobre a execução e o vivenciar. Como nosso corpo tem entendido a casa como proteção, mas também provocando sobre seus riscos. A imaginação também tem papel fundamental nessa experiência, provocando o corpo a se transportar para outros lugares, pelas linhas construídas no espaço.

Que a dança e seus movimentos possam ser um convite para as geografias possíveis construirmos suas espacialidades levando em consideração o movimento, as emoções, o corpo, pensando que sem isso não há Geografia. Ao incluir maneiras outras de ler o mundo, tomamos consciência-de-si a partir dos reconhecimentos, tensionando geografias e formas de estar em relação. Portanto, nosso fazer geográfico deve ser um constante (re) fazer. Que isso possa ser a lição desse contexto. Que saibamos (re)conhecer nossas performances.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERRACINI, Renato. *Ação física: afeto e ética*. Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas, 2(13), p. 123-133, 2018.

GREINER, Christine. *O corpo: pistas para estudos interdisciplinares*. São Paulo: Annablume, 2005. 154 p.

LABAN, Rudolf. *Domínio do movimento*. São Paulo: Summus, 1978. 269p.

LINDÓN, Alicia. *Corporalidades, emociones y espacialidades*. Hacia un renovado betweenness. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 11, n. 33, p. 698-723, 2012.

MATURANA, Humberto. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001. 203p.

MIRANDA, Regina. *Corpo-espaco*. Aspectos de uma geofilosofia do corpo em movimento. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. 118p.

NAYAK, Anoop; JEFFREY, Alex. *Geographical Thought. An Introduction to Ideas in Human Geography*. Londres: Routledge, 2011. 360p.

PAIVA, Daniel. *Teorias não-representacionais na Geografia I: conceitos para uma Geografia do que acontece*. Finis terra, LII, 106, p. 159 -168, 2017.

PARR, Hester. *Emotional geographies*. In: CLOKE, Paul; CRANG, Philip; GOODWIN, Mark (orgs). *Introducing human geographies*. 3 ed. Londres; Nova York: Routledge, p. 746-759, 2014.

SEAMON, David. *Corpo-sujeito, rotinas espaço-temporais e danças-do-lugar*. Geograficidade, v.3, n.2, p. 4-18, 2013.

THRIFT, Nigel. *Non-Representational Theory. Space | politics | affect*. Londres: Routledge, 2008. 336p.

VALLEJO, Joaquín Benito. *Cuerpo en armonía: leyes naturales del movimiento*. Barcelona: Inde Publicaciones, 2001. 284p.

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709